

Algumas questões estéticas e políticas nos murais zapatistas: um ensaio de interpretação fotográfica *

Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho **

Resumo:

Este artigo apresenta uma análise do conteúdo de dez materiais fotográficos e artísticos de murais em territórios zapatistas especificamente no Caracol de Oventik. Mesmo sem pretender desenvolver todos os sentidos do muralismo mexicano ou zapatista, busca-se a discussão sobre o que é retratado nesses murais zapatistas e como suas imagens refletem as concepções históricas e políticas do movimento -que considera a arte uma expressão humana libertadora e enfatiza a sua dimensão subversiva como um direito político e social.

Palavras-chave: Ensaio fotográfico, Murais zapatistas, Arte revolucionária.

Some aesthetic and political issues in zapatista murals: an essay of photographic interpretation

Abstract:

This article presents an analysis of the content of ten photographic and artistic materials of murals in Zapatista territories specifically in the Snail of Oventik. Even without intending to develop all the meanings of Mexican or Zapatista muralism, we seek to discuss what is portrayed in these Zapatista murals and how their images reflect the historical and political conceptions of the movement -which considers art a liberating human expression and emphasizes its subversive dimension as a political and social right.

Keywords: Photo essay, Zapatista murals, Revolutionary art.

A arte e estética zapatista já foi tema de reflexão nessa revista (Hilsenbeck Filho, 2017), tendo por objeto de análise o **I Festival CompArte pela Humanidade**. Aproveitando o chamado para este dossiê, que possibilita a análise de materiais fotográficos e artísticos, nos ocuparemos de alguns conteúdos presentes nos murais em territórios zapatistas, especificamente no Caracol de Oventik. A perspectiva não será a de desenvolver ou aprofundar os sentidos do muralismo mexicano, de modo geral, ou zapatista, em particular¹. O que se pretende aqui é articular uma discussão sobre o que se retrata em alguns murais zapatistas e como essas imagens refletem as concepções históricas e políticas do movimento.

Cabe destacar que a articulação entre arte e política é uma questão presente desde os primórdios do movimento. Já dois anos após o seu aparecimento público², os zapatistas indicavam que, em sua

* Recebido em 16 de julho de 2021. Aprovado em 20 de julho de 2021.

** Doutor em Ciência Política (Unicamp), Mestre em Ciências Sociais (Unesp). Professor de Ciência Política e Cultura Brasileira na Faculdade Cásper Líbero, São Paulo-SP, Brasil.

¹ Para tal, vide, entre outras obras, Barbosa(2019), que propõe uma análise da arte desenvolvido pelo movimento zapatista e pelo MST, desde uma perspectiva de arte “sentipensante”, uma junção de sentimento e razão na produção artística como núcleo epistêmico e ontológico, do pensamento e da ação política, e sua instrumentalização como uma práxis educativa; Maciel(2018), que disserta sobre o que faz um mural ser zapatista, argumentando que a arte muralista é uma técnica de unidade virtual do movimento, possibilitando ao movimento estender-se como comunidade, como rede de lugares resultando e ativando relações e filosofias políticas; Rihan e Saldanha (2000), que trazem um relato da experiência de pintura coletiva de um mural na comunidade zapatista de Morelia, e sua função como documento.

² O Exército Zapatista de Libertação Nacional torna-se público ao tomar em armas sete cidades no estado de Chiapas e, no dia 1º de Janeiro de 1994, e declarar guerra ao Estado mexicano, reorganizando os territórios e promovendo um processo de autonomia e controle dos meios de produção e de vida (que se expressa em distintas áreas, como saúde, educação, política, economia, justiça etc.),

compreensão, a arte se caracteriza por ser expressão humana libertadora, enfatizavam sua dimensão subversiva e um direito da sociedade (EZLN, 1996, p. 129). Uma das facetas dessa “arte em rebeldia” se expressa nas paredes e muros das comunidades autônomas.

Nesse sentido, a educação é um dos temas centrais da construção desse “mundo onde caibam muitos mundos” propugnado pelos zapatistas, uma educação autônoma (sem qualquer incentivo institucional do Estado), que respeita as especificidades das comunidades e etnias indígenas que compõem o movimento. Os projetos educacionais autônomos se principiam em 1990 e ganham força a partir da criação das Juntas de Bom Governo, em 2003, o que fomenta uma intensa mobilização coletiva, tanto em números quanto em atores envolvidos (Marques, 2014).

De modo geral, a conquista mais importante é fazer com que todos, ou quase todos, estejam envolvidos na construção de uma experiência educacional emergente que permanentemente se inventa e se transforma como parte da luta pela autonomia. Os zapatistas bem podem dizer: a educação autônoma é a educação nossa, para nós e por nós (Baschet, 2021, p. 87).

Foto 01: Escola Primária Rebelde Autônoma Zapatista. A educação autônoma constrói mundos diferentes, onde caibam muitos mundos verdadeiros com verdades



Foto 02: A álgebra da educação revolucionária é a dialética



Outro elemento é o uso político da **raiva**:

que já dura mais de 27 anos. Ver, entre outras obras, Hilsenbeck Filho (2007; 2019);Brancaleone (2015; 2019);Hilsenbeck Filho eBrancaleone (2019); Baschet(2021).

Como dizem os zapatistas: sentido na digna raiva, interpretada como o direito de indignar-se pela histórica condição subalterna, porque é digno sentir a raiva, expressão de uma emoção pulsante dos oprimidos do mundo. Também na compreensão de que os processos de construção de subjetividades políticas se articulam com o posicionamento histórico, no sentido atribuído por Karl Marx, ao se assumir como sujeito de sua própria história, no caso, uma história atravessada pela luta de classes (Barbosa, 2019).

Foto 03: Digna Raiva



Também a memória histórica é resgatada e articulada com o presente e às projeções de futuros possíveis, desde elementos da herança dos povos maias, da tradição das lutas de esquerda no México e no mundo, bem como suas vinculações com as lutas dos zapatistas, conclamando a cultura e a memória como elementos de mediação da identidade política e da estética zapatista, em que a resistência é um elemento central na tecitura da memória coletiva. Desse modo, os zapatistas abordam o tempo numa dimensão universal. Apesar de seus territórios se localizarem num canto rural do sudeste mexicano, seu particularismo é transcendido com a vinculação de suas experiências vividas com outras vivências em outros momentos históricos, tecendo um fio contínuo, que permite uma identificação comum para além (e sem prejuízo) às suas especificidades, sem esquecer suas raízes, mas sem ficar presos a elas.

Foto 04: Che Guevara e combatente zapatista



Foto 05: Resistir é existir

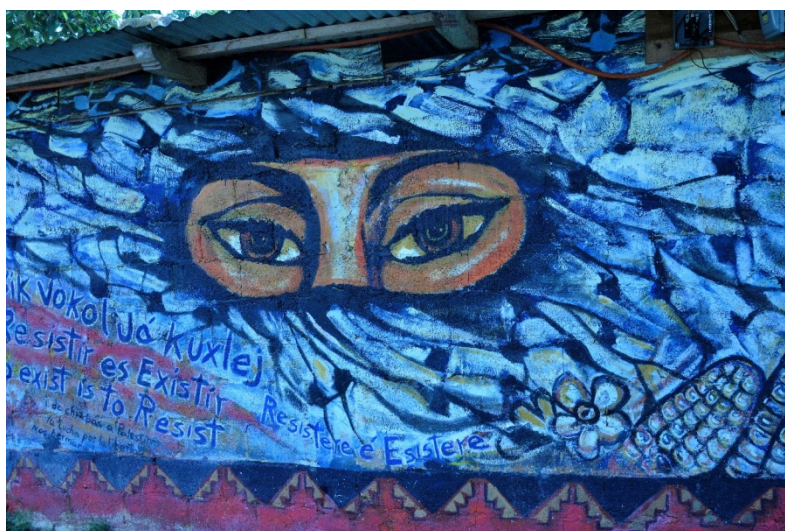


Foto 06: Somos Raíz



Uma das batalhas mais incisivas presente nas comunidades zapatistas tem sido a luta para superar uma cultura machista e patriarcal que também finca raízes nas populações tradicionais e indígenas. Desde o primeiro dia do levante zapatista deu-se a conhecer as “leis revolucionárias das mulheres” que já buscavam superar essa situação. Como disseram as zapatistas em carta, de 2019, às mulheres que lutam no mundo:

(...) sabemos do que estamos a falar quando falamos da nossa luta pela liberdade, quando dizemos que temos de lutar para a defender, para que as nossas filhas e netas não sofram os mesmos horrores por que passaram as nossas avós.

Compete-nos lutar para que não se repita a história de irmos ao mundo apenas para cozinhar e parir crianças, para as vermos de seguida crescerem na humilhação, no desprezo e na morte.

Não tomámos armas para voltar à estaca zero (EZLN, 2019)³.

Foto 07: Oficina de Mulheres pela Dignidade



³ Carta das mulheres zapatistas às mulheres que lutam em todo o mundo. Disponível em: <http://www.midia1508.org/2019/03/09/carta-das-mulheres-zapatistas-as-mulheres-que-lutam-em-todo-o-mundo/>.

Foto 08: Loja de artesanatos Mulheres pela Dignidade



A comunicação sempre foi um dos elementos mais destacados da insurreição zapatista, valendo-se de diversos meios, como vídeos, documentários, filmes, músicas, rádios, livros, comunicados, performances, poesias, contos, crônicas etc. O que é registrado no coletivo de produção audiovisual zapatista *TerciosCompas*.

Foto 09: Zapatista com câmera filmadora



Por fim, gostaríamos de deixar o registro de experiência que vincula identidades e resistências, como o projeto artístico Zapantera Negra, envolvendo as lutas dos indígenas zapatistas com o Partido dos Panteras Negras, capitaneado por Emory Douglas, que foi Ministro de Cultura e Comunicação do Partido dos Panteras Negras de Okland (Douglas, 2017).

Foto 10: BlackLivesMatter – Zapantera Negra



O que nos permite vislumbrar outra brecha possível na superação das fragmentações que constituem hoje os trabalhadores, ou os “de baixo” (como dizem os zapatistas), não apagando as diferenças, mas ressaltando as confluências e potencialidades. Nesse sentido, como demonstra a estética zapatista, a arte pode desenvolver nossas (e novas) sensibilidades que apontem para o sentido contrário às condições atuais de exploração, opressão e embrutecimento que se impõem sobre a vida da grande maioria da população do mundo, restaurando a dimensão coletiva do humano e do popular, exprimindo no campo artístico e estético a utopia possível de novos mundos que podem vir a ser, como fruto das lutas do hoje e do amanhã.

Referências

BARBOSA, L. P. **Estética da resistência**: arte sentipensante e educação na práxis política latinoamericana. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 29-62, 2019.

BASCHET, J. **A experiência zapatista**. Rebelião, resistência e autonomia. São Paulo: N-1 edições, 2021.

BRANCALEONE, C. **Teoria social, Democracia e Autonomia**. Uma interpretação da experiência de autogoverno zapatista. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

DOUGLAS, Emory. **Zapantera Negra**. An artistic encounter between Black Panthers and Zapatistas. Brooklyn: Common Notions, 2017.

EZLN (Ejército Zapatista de Liberación Nacional). **Crônicas intergalácticas**. In.: Anales del 1er Encuentro Intercontinental por la Humanidad y en contra del Neoliberalismo. Chiapas, San Cristóbal de las Casas, México: Planeta Tierra, 1996.

HILSENBECK FILHO, A.M. **Abaixo e à esquerda**: uma análise histórico-social da práxis do Exército Zapatista de Libertação Nacional. 2007. 247 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/88801>>.

_____. **Arte e Estética Política Zapatista**: o I Festival CompArte pela Humanidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.21 n.39, p.77-92, jul./dez. 2017.

HILSENBECK FILHO; BRANCALEONE. **O Caracol e a Velha Toupeira**. In: ARIEL (et al.). *Anticapitalismos y sociabilidades emergentes: experiencias y horizontes en Latinoamérica y el Caribe*. Bahía Blanca: Ediciones del Ceiso; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2019.

MACIEL, L. da. **Os murais zapatistas e a estética tzotzil**: pessoa, política e território em Polhó, México. 2018. 240 f. *Dissertação* (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, Programa Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2018.

RIHAN, B; SALDANHA, G. **Neodocumentação e Dialogismo no Muralismo Zapatista**. *Tendência da Pesquisa Brasileira em Ciências da Informação*. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/159406>.